



FEVRIER 1970

DEBATE

N.1

1

fevereiro 1970

APRESENTAÇÃO

Não amamos o debate pelo debate. Por isso mesmo importamos deixar claro desde o início o que e com quem pretendemos debater.

Há três anos atrás a luta armada no Brasil era um tema de discussão. Hoje tornou-se um fenômeno político concreto. Há três anos atrás tinha sentido discutir se era oportuno ou não desencadear a luta armada. Hoje ela está desencadeada e mesmo seus mais resolutos adversários são obrigados ao menos a levá-la em conta em seus cálculos políticos.

Relativamente ao fato concreto da luta armada nossa posição é clara: com a transformação oligárquico-militar do regime a guerra revolucionária tornou-se o caminho fundamental da libertação do povo brasileiro e premissa histórica da revolução socialista.

Não nos definimos no entanto pela simples tomada de posição em favor da luta armada. À medida que ela cresce e se desenvolve, toda uma corrente de opinião se inclina a seu favor. Muitos dos que nela não acreditavam em 67 hoje já a defendem (até que ponto são sinceros é coisa que não cabe a nós decidir). Quanto a nós, figuramos entre os que sempre a defenderam, desde quando ela era um simples projeto. Por isso mesmo pensamos ser secundário e mesmo superficial declarar apóio à luta armada e acreditar que com isso as questões políticas principais ficam resolvidas, como se hoje a questão política principal para a esquerda brasileira ainda fôsse: "a favor ou contra a luta armada?". Para nós esta questão já foi resolvida na prática, não é mais um problema com que se defronta a vanguarda. Estar na vanguarda da luta hoje não é simplesmente pronunciar-se a favor de um processo revolucionário em pleno andamento. É, isto sim, procurar contribuir para a solução dos problemas com que a luta armada hoje se defronta, nos diferentes níveis em que eles se manifestam. No nosso caso - o dos redatores e responsáveis pelo presente boletim - isto significa encarar o trabalho

410 P 8785

revolucionário no plano ideológico não como mera divulgação das ações armadas-como se a teoria revolucionária fôsse uma espécie de torcida organizada que se contenta em bater palmas à prática revolucionária-mas como uma efetiva contribuição à agitação, à propaganda e à discussão dos problemas da revolução.

Com efeito, consideramos que nas condições em que se desenvolve a luta armada no Brasil a necessidade de uma clara compreensão da natureza política e militar da presente etapa da guerra revolucionária é fundamental. O estudo atento dos documentos e manifestos distribuídos pelas organizações revolucionárias torna ainda mais evidente esta necessidade. Comparando-os percebemos uma série de divergências táticas-e mesmo estratégicas-entre os combatentes da revolução brasileira. Percebemos ao mesmo tempo-em alguns agrupamentos mais do que em outros-um autêntico espírito crítico e analítico, que entende aprofundar a experiência da luta desenvolvida até agora, de maneira a determinar em tôda sua complexidade o caminho brasileiro da guerra popular. É sobretudo a êste esforço que pretendemos nos associar. Buscaremos fazê-lo enquanto marxistas-leninistas, isto é, fundamentados numa teoria científica, num método de análise e numa posição de classe que nos ajudarão a compreender e a apoiar a correta solução das questões da linha política e da linha militar do programa mínimo revolucionário.

Nosso boletim será pois fundamentalmente um instrumento de elaboração, de crítica e de divulgação da política revolucionária no Brasil. Porisso ao lado das contribuições pessoais contidas nos artigos assinados, procuraremos divulgar os documentos das organizações revolucionárias brasileiras. Neste primeiro número os leitores encontrarão êstes dois tipos de material teórico.

Nosso boletim será também uma tribuna de denúncia, em todos os níveis, das atrocidades praticadas pela ditadura oligárquico-militar contra todo o povo brasileiro, e em especial contra os militantes revolucionários. Já em nosso primeiro número apresentamos matéria sobre a tortura-êste "instrumento de luta" de que se servem as classes dominantes para esmagar o povo na figura de seus combatentes de vanguarda.

Parece-nos desnecessário acrescentar que estando-nos mo-

destos limites de suas possibilidades- a serviço da revolução brasileira, nosso boletim está aberto a todos os revolucionários.

A TORTURA A SERVIÇO DO CAPITALISMO

Carlos Moura.

"Eles são muito duros... Porisso é preciso muito pau em cima deles" (Waldo Fraga, vulgo "Fraguinha", delegado de polícia de Niterói)

A tortura policial sistemática atingiu no Brasil, nos últimos anos, proporções sem precedentes na história do país, ultrapassando mesmo os crimes da repressão nos piores tempos do Estado Novo. Esta tortura tem um significado político e um papel precisos: ela é uma parte importante do dispositivo de repressão a serviço das classes dominantes e do imperialismo, que se propõe defender a exploração capitalista através da liquidação da vanguarda revolucionária.

Apesar das aparências em contrário, a tortura institucionalizada é um índice de fraqueza da ditadura, que se revela incapaz de obter informações por vias "normais"; este uso generalizado e furioso da tortura implica que:

- a) a grande maioria da população não "colabora", não informa, não "deda";
- b) praticamente não há infiltração policial nas organizações revolucionárias;
- c) devido à elevada moral revolucionária dos militantes aprisionados, não se pode obter deles informações por ameaças, "coação psicológica", corrupção, promessas, etc.

Isto não significa de forma alguma subestimar a eficácia da tortura como meio de obter informações; muito pelo contrário: embora as repetidas proclamações policiais de que esta ou aquela organização foi "desmantelada" se tenham revelado falsas, não há dúvida de que as informações obtidas pela tortura causaram sérias perdas humanas à vanguarda (culminando com a morte do camarada Marghella). Porisso a luta contra a tortura não é apenas um imperativo moral, mas uma necessidade política premente que permite por um lado desmascarar a ditadura e mobilizar contra ela a opinião pública (nacional e mundial) e por outro, prestar solidariedade aos militantes revolucionários e suas organizações, vítimas da repressão policial-militar.

Os métodos de tortura da camarilha militar no poder são de tipo autenticamente facista, similares aos utilizados nos porões da Gestapo; a sanha sádica com que os tiras do DCPS e do CENIMAR torturam mães na frente de seus filhos, assassinam mulheres grávidas, electrocutam, espancam e mutilam padres, estudantes, operários e camponeses é digna dos homens de Himmler, e revelam o caráter real de um regime tartufo e hipócrita, que se pretende "defensor das tradições cristãs e da família". Entretanto, do ponto de vista quantitativo a tortura não atingiu e não pode atingir no Brasil as proporções a que chegou no III Reich nazista. Não pela "bondade inata" dos sinistros gorilas instalados no poder, mas porque, ao contrário do regime hitleriano, a ditadura militar brasileira é odiada pela imensa maioria do povo, e não se pode dar ao luxo de restringir ainda mais a estreita base de apoio com que conta. Ora, a tortura indiscriminada de membros do clero, estudantes, filhos de "boas famílias", profissionais liberais, etc. vinha aumentando de forma impressionante o isolamento político do regime. Esta é provavelmente a razão pela qual os setores mais hábeis da ditadura, encabeçados pelo gorila-mór Garrastazu parecem querer conter o "zêlo excessivo" de seus cães de guarda uniformizados, no quadro de uma manobra demagógica geral de "liberalização". Outros elementos (secundários) que podem ter contribuído para esta (aparente) decisão de limitar o uso da tortura se situam no nível ideológico: pressão da Igreja sobre certos setores do Exército mais "influenciáveis", preocupação de certos militares formados na Europa com "o bom nome do Brasil no estrangeiro" (fala-se nos círculos oficiais do regime na "irritação" do presidente com os artigos de denúncia da tortura publicados pela imprensa internacional), etc.

É difícil prever até que ponto as declarações do ex-chefe do SNI, catapultado à "presidência" do regime gorila, Garrastazu, representarão realmente uma mudança concreta (mesmo relativa) no tratamento dos prisioneiros, ou constituem apenas uma infame manobra propagandística destinada a criar a imagem mítica de um "nôvo presidente", paternalista e "liberal". A julgar pelo brutal assassinato do estudante de medicina Chael Sherer, morto a pontapés no estômago, 3 dias após a proclamação presidencial proibindo a tortura, nossas previsões não são muito otimistas.

Os revolucionários sabem muito bem que a tortura só terminará definitivamente com a derrubada do regime dos torturadores. Entre-

tanto, de imediato, é preciso explorar tôdas as contradições, fraquezas e hesitações da ditadura, mobilizando as mais amplas camadas do povo e forçando a abolição do uso institucionalizado e sistemático dos mais bárbaros métodos de tortura contra os militantes revolucionários encarcerados.

DOCUMENTOS DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA

PASSAGENS DO PROGRAMA DA VAR-PALMARES

A guerra revolucionária é um processo armado cujo conteúdo é essencialmente político. As forças em luta representam interesses sociais, econômicos e políticos conflitantes, encarnando as classes antagônicas da sociedade. Como luta política armada, travada no interior do mesmo país, a luta armada adquire a forma de guerra civil revolucionária, já que, pelo caráter de um de seus blocos, objetiva a conquista do poder político, visando a destruição do sistema capitalista e a construção do socialismo. Sendo uma guerra contra o sistema capitalista, a guerra revolucionária deve ser encarada sob o prisma do socialismo, sendo esta sua lei básica. Dirigida pela classe operária, ela está subordinada não ao seu atual nível de consciência, mas à sua perspectiva estratégica de classe, expressa pela sua vanguarda.

No atual momento a correlação de forças é extremamente desfavorável às forças revolucionárias. Os instrumentos da dominação burguesa exigem a construção de instrumentos revolucionários que se lhe oponham e que se assentem fundamentalmente na consciência revolucionária das massas. Consciência que se transforma no processo da própria guerra e que se materializa nas organizações revolucionárias político-militares que são formadas neste processo. É esta realidade que determina o caráter prolongado da guerra revolucionária em nosso país, pois é neste processo complexo e de longa duração que o proletariado forjará seus instrumentos e construirá um poder alternativo que acabará por substituir o poder burguês destruído.

.....

O Exército Revolucionário é a corporificação da aliança que o proletariado estabelece com as demais massas trabalhadoras, aliança político-militar que se constrói através da progressiva mobilização e organização armada das massas. A mobilização e organização se dão em diferentes níveis e organismos. O Exército Revolucionário se forma num momento deste processo de transformação constante, ainda na pri-

meira etapa da guerra, o que pressupõe a existência de uma forma regular de luta. O Exército Revolucionário não se confunde nem contém em si tôdas as organizações revolucionárias. Ele será formado pelo contingente profissional das classes revolucionárias, do campo e das cidades, estando seus membros integrados em sua estrutura e subordinados a uma rígida disciplina militar. Será o instrumento de organização e luta das parcelas mais avançadas das massas revolucionárias, às quais ajudará a organizar paralelamente. Sua infraestrutura corresponde às necessidades de grandes efetivos e armamentos pesados, apesar de não se confundir com a infra-estrutura típica dos exércitos profissionais, pois a mobilidade e a flexibilidade continuarão sendo as suas constantes.

O Exército Revolucionário, dirigido pelo Partido do Proletariado, será o instrumento principal com que êste contará para erigir, no processo da guerra, o poder revolucionário dos trabalhadores.

.....
 Mas se a luta revolucionária não alcança seus objetivos sem o Partido, êste não se forma senão pela própria luta. O Partido Revolucionário do Proletariado só se forjará no processo da guerra, expressando o avanço político da consciência de classe do proletariado, manifesta pela superação da dispersão das lutas políticas, superação esta só possível através do estabelecimento de vínculos sólidos entre a vanguarda e as massas.

Mas esta vinculação só é possível através do encaminhamento pela vanguarda, das tarefas da atual etapa da revolução. É travando a luta armada desde agora, e criando os instrumentos capazes de efetivá-la, que a vanguarda se interpoê no processo objetivo da luta de classes, se desenvolve e se fortalece, transformando-se no Partido. Combinando as lutas das massas em tôdas as frentes e travando a guerra em todos os níveis o núcleo proletário legitima-se como vanguarda do processo de transformação qualitativa, no qual se constitui como Partido Revolucionário do Proletariado.

A Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares, compreendendo a atual correlação de forças e o impasse em que se encontram as massas e a esquerda revolucionária frente ao imperialismo e à ditadura burguesa instalada, define como sua tarefa fundamental o desencadeamento da guerra de guerrilhas, combinando as formas regulares e irregulares de luta.

A montagem da estrutura partidária capaz de levar à frente a luta revolucionária, dar-se-á nos quadros de uma estreita vinculação entre a luta política e a luta armada, afim de que a subordinação da luta armada a uma direção política central não signifique a separação do aparelho político do militar.

.....

A história das guerrilhas na AL é bastante clara em demonstrar como os movimentos guerrilheiros são conduzidos ao impasse político, à medida em que carecem de trabalho de massas, à medida em que se isolam politicamente dos trabalhadores. É lamentável observar como inúmeras guerrilhas latino-americanas, longe de cumprir as suas funções de vanguarda político-militar do proletariado, acabam por se transformar em pequenos grupos cujas ações não repercutem junto às massas trabalhadoras nem conduzem à sua organização e incorporação à guerra. Querer justificar a estagnação das colunas guerrilheiras sob pretexto de que o sucesso só pode ser obtido numa guerra a longo prazo não explica o impasse revolucionário, impasse condicionado pela falta de apoio popular, pela ausência de trabalho de massas, quando se esperava que as ações militares por si mesmas pudessem substituir o trabalho de agitação, propaganda e organização.

As tarefas políticas e organizatórias são, por certo, dependentes das ações armadas levadas a cabo pela vanguarda. A existência de uma delas apenas é inócua e a tática revolucionária tem de combiná-las, planejando suas formas de luta e de organização, determinando os vínculos que em cada conjuntura devem ser estabelecidos entre a vanguarda e as massas, tomando por base a regra de atuação revolucionária: estar um passo adiante das massas, nem mais, nem menos.

Esta atuação da vanguarda assegura, desde hoje, o desenvolvimento harmônico do processo revolucionário, impedindo que ela seja cortada do processo objetivo da luta de classes.

OUSAR LUTAR! OUSAR VENCER!

VAR-PALMARES

UMA ANÁLISE CRÍTICA: SOBRE O DOCUMENTO "O PARTIDO E A VANGUARDA"

Marta Alves

O documento que discutiremos abaixo foi elaborado durante o período de unificação VPR-COLINA. Esta unificação -de que resultou a VAR-PALMARES, de cujo programa acabamos de apresentar alguns extratos- foi logo seguida de uma cisão. Nos números seguintes de nosso boletim publicaremos a versão oficial do grupo majoritário (que conservou-se

como VAR). No presente número apresentamos um balanço crítico de um texto que reflete as posições do grupo que só permaneceu por dois meses na VAR (de julho a setembro de 1969). Sua redação, no entanto, ao que tudo indica, é anterior ao mês de julho, devendo pois ser encarado como uma contribuição ao debate que precedeu à formação da VAR (e obviamente, à cisão de setembro). Como todos os textos que vêm assinados, o presente balanço crítico não reflete necessariamente a posição do Boletim enquanto tal. (A REDAÇÃO)

Consideramos de grande importância a discussão travada na VAR e, como já dissemos, teremos ocasião de voltar a ela seguidamente. Com efeito a concordância geral com a necessidade de desencadear e desenvolver a guerra revolucionária não basta para resolver todos os problemas. É da concepção mesma da guerra revolucionária, do papel da vanguarda e de suas ligações com o movimento de massas que se concretizará uma linha política justa, capaz de levar à vitória contra a ditadura e o imperialismo.

Como indica o título do documento que passamos a examinar ("O Partido e a Vanguarda") trata-se nele de determinar, através da distinção entre "partido" e "vanguarda" o tipo de organização de que necessita a revolução brasileira.

O autor (que assina J.) procede, como perceberá o leitor, de maneira abstrata e ahistórica.

Logo no início do documento, a título de cabeçalho, J. expõe suas sete teses principais, que em seguida comentará ao longo do texto.

Vamos a elas:

1-O contato com as massas: é realizado através de quadros (enquadramento das massas) no partido. É realizado através da propaganda (anônima) na organização clandestina.

2-A violência é das massas na luta partidária, pois as próprias massas lutam. A vanguarda luta no lugar das massas, mas pelos objetivos desta.

3-A propaganda do partido é realizada por uma linha política, pois as massas devem entender o objetivo da tomada do poder antes de tomá-lo. A propaganda da vanguarda se faz para a própria vanguarda.

4-O programa do partido representa os seus objetivos revolucionários. O programa da organização é mínimo e representa os objetivos conscientes da massa.

5-O partido é uma instituição permanente. A vanguarda armada vence

ou morre e depende em consequência da conjuntura política. É a situação histórica que provoca o seu aparecimento, mas é sua habilidade tática que fundamentalmente lhe dá condições de vitória.

6-A organização armada se preocupa mais com o apoio local que nacional.

7-A organização é uma forma de propaganda; é também propaganda da luta armada."

A citação é literal e completa. Não omitimos nada nem nada acrescentamos. Já deste simples sumário se pode inferir o método de trabalho do autor, que julga possível determinar o alcance de uma determinada forma de organização em separado das condições histórico-concretas em que ela se insere. O método do autor é por isso mesmo profundamente idealista: para se convencer disto basta examinar o que entende por "vanguarda", = "organização clandestina, = "organização armada" (e não é preciso muita perspicácia para adivinhar que éle é pela "vanguarda" contra o "partido"). O caráter subjetivo e idealista das suas sucessivas definições ("a vanguarda vence ou morre", "a vanguarda luta no lugar das massas", "a propaganda da vanguarda se faz para a própria vanguarda", etc.) já dá a medida de suas concepções.

Porém o importante não é fazer o levantamento dos incontáveis erros do documento, mas ver quais são as implicações práticas da rejeição total do "partido", isto é, do trabalho político organizado.

Para o autor há absoluta separação entre "partido" e "vanguarda", que formam "tôdos" com suas lógicas internas e suas dinâmicas próprias. Isto fica bem claro quando define a "rede" ("forma de organização da vanguarda"). Segundo J., a rede é o tipo de organização que caracteriza tôdas as redes de espionagem e de resistência popular urbana, como na França e na Iugoslávia durante a ocupação nazista. São "os "partisans" ou "maquisards" ou outras organizações subterrâneas quase sempre apoiando guerrilhas permanentes". Esquece que tanto na França quanto na Iugoslávia foram partidos (forma de organização que éle define como tendo "vida legal ou pelo menos consentimento tácito do govêrno" e não podendo "visar diretamente objetivos que o govêrno não admite") que passaram à clandestinidade e organizaram a resistência ao nazismo.

A aplicação das concepções de J. à situação brasileira se-

ria desastrosa."este aspecto, a citação de alguns textos do documento dispensa qualquer comentário:

"Por não entendermos claramente as implicações em todos os níveis da forma de luta armada, criamos na prática formas híbridas de luta, adotando certos elementos da forma de luta armada...e mantendo elementos da forma de luta partidária (a célula, o jornal com função educativa, a "luta interna" e outros". "O ex-companheiro Manoel ao considerar que o movimento revolucionário deve surgir desde o início de forma armada, não compreendeu que não se modifica a parte sem se modificar o todo: isto porque uma organização deve formar um todo coerente. Não nos adianta tirar o que há de positivo no partido e introduzi-lo na forma de luta armada. Os objetivos, a forma de luta, a estrutura e a análise política devem se integrar e formar um todo novo". "A organização com propaganda armada é um todo coerente, pois combina nossa fraqueza numérica e nossa disposição revolucionária total através de atos perigosos mas de repercussão nacional. O partido, realizando a educação das massas ("imprensa formativa", dizia Manoel) através de suas centenas de milhares de afiliados é também um todo coerente (se bem que inadequado à realidade histórica nacional". Assim pois para J. as coisas são muito claras: ou "partido" ou "vanguarda" (isto é, organização adaptada à "forma de luta armada"). A isto ele chama "todos coerentes". Obviamente tanto Lênin quanto Mao-Tse-tung, quanto os combatentes espanhóis da guerra civil, quanto a Resistência anti-facista européia, foram incoerentes, já que "misturaram formas híbridas de luta". E os cubanos também não escapam da incoerência já que aos olhos de J. o Movimento 26 de Julho também era uma incoerência. Na realidade, se formos consultar a tradição dos dois últimos séculos de luta revolucionária para ver quem escapa da "incoerência" que J. denuncia, só encontraremos...Blanqui. Mas J. parece não conhecer as doutrinas deste seu antecessor, pôsto que lamenta "a inexistência de uma teoria da forma de luta armada...comparável à teoria do partido marxista-leninista". Porque, segundo J., "Debray, Guevara, Fanon, dão apenas os primeiros passos neste sentido". Aqui achamos que J. ultrapassa os limites do razoável: seu direito de defender a concepção tática que lhe pareça mais justa é insofismá-

vel, mas não é correto nem aceitável que deforme o pensamento de Guevara só para dar a impressão de que sua posição é a mesma que a do grande herói da revolução latino-americana. Com efeito, é impossível que J. nunca tenha aberto "Guerra de guerrilhas" do Che em que este repete várias vezes já no início do livro, que a guerrilha é uma guerra do povo, uma luta de massa, que a força da guerrilha está no apêio da população, e que quem não se comenetrar desta verdade não pode ser guerrilheiro?

A partir destes graves equívocos é compreensível que J. faça o seguinte balanço da discussão política no seio da VPR: "Esta situação levou... os quadros políticos... a transpor o único sistema teórico que conheciam a fundo - o marxista-leninista na sua aplicação bolchevista - para a organização". "Continuamos a acrescentar "corretivos" à teoria de uma forma de luta ultrapassada, sem ousar reformular o todo, ligados ainda a uma reverência religiosa pelos "grandes" do marxismo (ICML: As aspas são de J.), e a uma timidez política que contrasta com nossa coragem física". Só podemos concluir disto que o abandono "audacioso" do leninismo conduziu J. ao blanquismo...

A tendência anarquista (da qual o blanquismo é apenas um dos aspectos) se evidencia na seguinte frase do documento: "o nosso objetivo não é... convencer... a lutar pelo socialismo, mas de lutar simplesmente, bastando que o objetivo atacado pertença ao sistema". Ora, se considerarmos que tudo o que pertence ao sistema deve ser atacado, chegaremos à estranha conclusão de que devem ser atacados todos os sindicatos, todos os guardas noturnos, todos os guardas de trânsito, todos os recrutas do Exército, etc. Para não pensarem que estamos exagerando e tirando conclusões apressadas de uma única frase isolada do contexto, citaremos mais algumas que vão no mesmo sentido: "O proletário está desorientado diante dos esforços dos meios de comunicação de massa modernos... No entanto este mesmo proletário sem consciência de classe é individualmente um revoltado. Só que desvia o seu ódio contra indivíduos ou elementos particulares do sistema (ver apêio ao Esquadrão da Morte e ondas de violência) e não contra o sistema como um todo. Assim um camponês é capaz de denunciar por ingênua lealdade o grupo que ataca as "autoridades" ou o "Presidente", mas é simultaneamente capaz de tomar em armas com entusiasmo se se trata de eli-

minar o seu capataz (inimigo subjetivo ou objetivo consciente)".
 "O proletário... só sente do sistema o ponto que o aperta... Assim ao lutar contra o aspecto que êle reprova do sistema (o capataz, por exemplo) êle atinge o sistema como um todo".

Segundo J. o objetivo da vanguarda não é fazer as massas avançar para as posições que ela defende, mas ser admirada por sua coragem física ao "lutar no lugar da massa, mas pelos objetivos desta" e ao mesmo tempo incentivar cada indivíduo revoltado a acertar as contas com "seu inimigo subjetivo".

Abandonando o modelo leninista de agitação e propaganda J. vai descobrir métodos originais de propaganda armada. Com efeito, "na forma armada de propaganda... atendemos a exigências técnicas realizando ações que exigem pouca quantidade de quadros mas obtêm repercussão profunda ou vasta pela audácia ou coragem".
 "A luta armada mesmo quando iniciada por pequenos grupos numa relação de forças realmente ridícula, obteve sucessos fantásticos não apenas pelo seu aspecto óbvio (as armas) mas porque forma um todo que combina harmoniosamente a propaganda (cristalizando as forças e o desespero das massas em torno de uma vanguarda que se torne fonte de esperanças e dignidade), a educação política da luta armada que força a reação a abandonar a sua maior arma, a máscara ideológica, desvendando diante das massas a realidade da luta de classes, a constituição da força armada popular (transformando a força política da vanguarda em força militar correspondente) e a desagregação do inimigo, pela existência insolente de um grupinho que recusa pura e simplesmente as "autoridades".

Esse tipo de propaganda não será feito em torno de uma linha política, mas em torno do nome da vanguarda. É a conclusão a que chega J. após ter colocado a seguinte questão: "Podemos ter apoio político nacional se nos limitarmos à propaganda de uma linha política? Ou devemos fazer propaganda do nome de uma organização de vanguarda e através dela uma linha política?". É de temer que a vanguarda de que fala J. acabe sendo a vanguarda de si mesma...

 O LEGADO DE CARLOS MARIGHIELLA

Fernando Lucas

O objetivo deste artigo não é fazer biografia de Marighella. Entretanto é forçoso reconhecer que não foi por acaso que o

velho militante, agora assassinado, pertenceu ao CC do PCB desde o fim da 2ª guerra mundial, até sua expulsão do partido em 1967. Como teria abandonado o reformismo e o direitismo do partido burocratizado para chegar à luta armada? Marighella em seus 40 anos de militância política esteve mais de 20 anos no CC; isto significa que viveu o processo de formação dessa burocracia e que à sua maneira, como tentaremos mostrar, compreendeu a incapacidade da máquina burocrática exercer as funções de uma vanguarda revolucionária. E compreendeu que somente a ação revolucionária poderia permitir a construção de uma vanguarda (partido) revolucionária. Neste sentido podemos dizer que a história do PCB é a história desta tomada de consciência.

Quando a burguesia brasileira chegou ao poder político em 1930, o PCB recusou-se a participar da luta sob pretexto de que se tratava de um movimento burguês que não dizia respeito às classes exploradas (segundo carta de L.C. Prestes aos brasileiros, divulgada na época). Por razões que não nos interessa analisar aqui, a ditadura Vargas (1930-45), inevitavelmente nacionalista, adotou uma política anti-comunista ao mesmo tempo que procurou conquistar o apoio do crescente proletariado fazendo-lhe uma série de concessões. Para o PCB esse período significou rigorosa clandestinidade e feroz repressão. Foi enfrentando o terror da ditadura de Vargas que Marighella se formou.

Com a derrubada da ditadura, o PCB vai conhecer um curto período de vida legal. Nesta oportunidade Marighella foi eleito deputado federal pelo estado da Bahia. Mas o governo de Dutra (1946-51) bem cedo reenviava o PCB à ilegalidade. De lá para cá o PCB permaneceria assim, embora a partir do novo governo de Vargas (51-54) até o golpe de 64 vivesse uma espécie de semi-legalidade.

A ruptura de Marighella com o PCB vai ser uma consequência do apoio cego do partido prestista ao reformismo burguês. O governo Goulart (agosto 61-março 64) foi marcado por intensa agitação social em torno de um programa nacionalista e por uma grave crise econômica acompanhada de inflação galopante (mais de 30% em 63). A derrubada de Goulart, sem resistência, e a instalação

da ditadura militar, mudaram radicalmente a situação política brasileira. O reformismo burguês com veleidades nacionalistas foi substituído pela integração do Brasil no sistema imperialista. A ditadura militar instaurada a partir de 64 é o instrumento desta política.

 A luta interna no PCB começou a se intensificar imediatamente após o golpe. O entusiasmo do período de intensa agitação social dava lugar à profunda decepção da derrota sem resistência. A burocracia sindicalista utilizada intensamente pelo populismo de Vargas e Goulart foi desmantelada pela ditadura que tentou "fabricar" novos pelêgos que aplicassem a nova política. O desaparecimento da velha liderança paternalista deixou a classe operária provisoriamente desarmada sem meios para enfrentar a ofensiva da ditadura. As medidas necessárias à integração e à superação da crise econômica foram tomadas diretamente contra os interesses do proletariado e das classes médias urbanas. Nessas condições foi impossível à ditadura formar uma nova burocracia sindical, que conquistasse a confiança da classe operária. Diante desta situação, a única solução que ocorreu à burocracia do PCB foi recomendar a luta pela redemocratização do país, evidentemente por meios pacíficos.

Mas os tempos tinham mudado. Embora a curto prazo as dificuldades para mobilizar o proletariado fôssen desvantagem considerável, a nova situação deixava liberada a classe do paternalismo populista. A mobilização e organização revolucionária das massas era a única possibilidade de enfrentar a ditadura. Marighella compreendeu que era impossível mobilizar o proletariado sem desencadear a luta armada. "As condições para a violência não têm nada de artificiais e estão criadas no Brasil desde que a ditadura se impôs pela força" (Carta de C. Marighella aos revolucionários brasileiros-dezembro 63). Sua participação e suas declarações na Conferência da CLAS em 67 já eram fruto da agudização da luta interna e prenúncio da cisão no PCB, que provocaria o aparecimento de um número incalculável de grupos organizados localmente. O grupo liderado por Marighella não se preocupou com essa aparente dispersão de forças, pois possuía uma nova concepção da formação de uma organização revolucionária, concepção que

seria exposta no documento "Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo", de fevereiro 68. É importante acrescentar que nessa mesma ocasião (fins de 67) havia uma intensa luta interna em todos os grupos de esquerda exteriores ao PCB, o que iria causar cisões nestes grupos e formar novas organizações, algumas das quais lançaram-se à luta armada quase simultaneamente com o grupo Marighella. Ademais havia setores sociais radicalizados (bases operárias, ex-militares, setores do clero, estudantes, etc.) e semi-organizados, que estavam disponíveis e podiam ser mobilizados pelos grupos políticos que passassem à luta armada.

Durante mais de três anos a luta no interior das esquerdas se limitou à luta ideológica. Ser favorável ou contra a luta armada era o ponto fundamental que separava revolucionários de reformistas. Não que a luta ideológica não seja importante, mas a questão é que não é suficiente. Era indispensável resolver o problema da tática (como fazer?) e assumir a responsabilidade de preparar e desencadear a luta armada.

Como já vimos, desde 64 a luta interna crescia no PCB. O controle burocrático sobre as bases foi enfraquecendo e em 67 o velho "Partidão" estava rachado de cima abaixo, horizontal e verticalmente. A "explosão" somente aconteceu após a Conferência da OLAS, quando o PCB se pulverizou em numerosas frações. Com o desaparecimento virtual do PCB, o centro de gravidade da luta no interior das esquerdas se deslocou para mais à esquerda. O polo dos debates, agora, era de como fazer a luta armada. O reformismo que defendia ainda os meios pacíficos para chegar ao poder foi pôsto (provisoriamente ao menos) fora de combate.

O grupo Marighella (um dos que passaram às ações diretas a partir de princípios de 68) definia-se então: a guerrilha rural é a tarefa estratégica necessária à constituição do Exército Revolucionário de Libertação indispensável à vitória da revolução nas condições do Brasil. Porém, desde o princípio, o grupo deixava bastante claro que não era partidário da concepção que se convencionou chamar "foquismo", ou seja, a concepção que dá prioridade absoluta ao desencadeamento da luta no campo, através de um núcleo guerrilheiro que se desenvolve e que mobiliza as massas a partir de sua própria ação. Transcrevemos alguns trechos do "Pronunciamento

to na parte que define a guerrilha. "O foco seria lançar um grupo de homens armados em qualquer parte do Brasil e esperar que, em consequência disso, surgissem outros focos em pontos diferentes do país. Se assim fizéssemos estaríamos adotando uma posição típicamente espontaneísta e o êrro seria fatal"... "O que queremos é construir a estrutura global necessária ao desencadeamento e enraizamento da guerrilha, com seu núcleo armado operário e camponês, visando a transformá-la num Exército Revolucionário de Libertação" (grifos nossos).

Poder-se-ia perguntar o que seja "a estrutura global da guerrilha" e como realizá-la na prática. E, ademais, como aproveitar o potencial revolucionário oriundo da desintegração do PCB e de todos os grupos organizados e semi-organizados que existiam ao exterior do PCB e que estavam dispostos a passar à ação armada? Para nós, a estrutura orgânica é função de uma determinada linha política e das condições concretas em que esta será aplicada. Antes de comentarmos as soluções que o grupo Marighella procurou dar às questões acima, deixemos falar o "Pronunciamento": "Precisamos agora de uma organização clandestina, pequena, bem estruturada, flexível, móvel. Uma organização de vanguarda para agir, para praticar a ação revolucionária constante e diária, e não para permanecer em discussões e reuniões intermináveis"... "Esta organização está começando a constituir-se, por vontade dos revolucionários e sem pedir licença a ninguém, partindo dos comunistas em rebeldia e das organizações e agrupamentos que resistiram ao CC e não se submeteram às suas arbitrariedades".

Mais adiante define-se mais claramente como construir esta organização e suas relações com o conjunto da esquerda: "Nossa estratégia é partir diretamente para a ação, para a luta armada. O conceito teórico pelo qual nos guiamos é o de que a ação faz a vanguarda". "O que une os revolucionários brasileiros é desencadear a ação, e a ação é a guerrilha. Trabalhando por ela, sem disputarmos qualquer parcela de liderança, sem nos imiscuirmos nos assuntos das demais organizações revolucionárias e sem tentar misturar organizações, apenas procuramos somar esforços para que a guerrilha seja desencadeada". "Da guerrilha, afinal, surgirá a vanguarda revolucionária brasileira".

(Conclui no próximo número)